



C A P Í T U L O 2

ENTRE E FIQUE À VONTADE: UMA CARTOGRAFIA DE MULHERES REAIS E SUAS HISTÓRIAS

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9352524102>

Liana de Mello Trindade

Laura Dequi Baggio

Luana Vargas Aquino

Marcele Pereira da Rosa Zucolotto

RESUMO: O artigo relata a experiência de uma oficina desenvolvida em um Centro de Atenção Psicossocial modalidade Álcool e outras drogas (CAPS AD) localizado em um município do interior do estado do Rio Grande do Sul, voltada a um grupo de mulheres. A principal proposta foi a construção coletiva de um livro intitulado “Mulheres reais e suas histórias”. A partir de colagens, desenhos e textos livres, as participantes puderam narrar fragmentos de suas trajetórias, refletir sobre experiências pessoais e coletivas e criar novas formas de expressão. A metodologia cartográfica sustentou a prática, priorizando o acompanhamento dos processos, a escuta atenta e a valorização do inesperado, em oposição a métodos rígidos e lineares. O relato mostra que a oficina funcionou como um espaço de acolhimento e invenção, fortalecendo vínculos e possibilitando a criação de narrativas singulares e coletivas. Questões de gênero, desigualdades sociais e vivências relacionadas ao uso de substâncias emergiram como temas centrais, reafirmando a importância de dispositivos que contemplam a complexidade das experiências femininas. O livro, deixado no espaço do CAPS, permanece como registro e convite para que outras mulheres possam dar continuidade ao processo, transformando-o em uma experiência aberta e coletiva. Assim, o estudo evidencia o potencial das práticas artísticas e cartográficas no campo da saúde mental, tanto como recurso de cuidado quanto como forma de resistência e produção de subjetividade.

PALAVRAS-CHAVE: Oficina; Cartografia; Mulheres; Criação; Saúde Mental.

MAKE YOURSELF AT HOME: A CARTOGRAPHY OF REAL WOMEN AND THEIR STORIES

ABSTRACT: The article reports on the experience of a group activity developed at a Psychosocial Care Center for Alcohol and Drugs (CAPS AD1), a service of the Psychosocial Care Network (RAPS) located in a municipality in southern Brazil, aimed at a group of women. The main proposal was the collective creation of a book entitled "Real Women and Their Stories." Through collages, drawings, and free writing, participants were able to narrate fragments of their trajectories, reflect on personal and collective experiences, and create new forms of expression. The cartographic methodology supported the practice, prioritizing the monitoring of processes, attentive listening, and the appreciation of the unexpected, in contrast to rigid and linear methods. The account shows that the group activity functioned as a space of care and invention, strengthening bonds and enabling the creation of both singular and collective narratives. Issues of gender, social inequalities, and experiences related to substance use emerged as central themes, reaffirming the importance of devices that address the complexity of women's experiences. The book, kept in the CAPS space, remains as both a record and an invitation for other women to continue the process, transforming it into an open and collective experience. Thus, the study highlights the potential of artistic and cartographic practices in the field of mental health, both as a resource for care and as a means of resistance and the production of subjectivity.

KEYWORDS: Group Activity; Cartography; Women; Creation; Mental Health.

CONTORNOS PRIMEIROS

Esta escrita busca relatar e refletir sobre uma oficina realizada em um Centro de Atenção Psicossocial modalidade Álcool e outras drogas (CAPS AD), serviço da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), localizado em um município do interior do estado do Rio Grande do Sul, voltada a um grupo de mulheres.

O trabalho propôs a utilização da oficina como forma de acesso e como dispositivo disparador para que a troca de experiências entre as participantes pudesse ser facilitada. A proposta da oficina relatada consistiu na criação de um livro onde a colagem, o desenho e a escrita livre poderiam ser utilizados, buscando construir uma materialidade onde as integrantes pudessem falar de suas experiências de vida e assuntos que surgissem nos encontros. Assim, na construção coletiva do livro intitulado "Mulheres reais e suas histórias", as participantes puderam narrar

fragmentos de suas trajetórias, refletir sobre experiências pessoais e coletivas e criar novas formas de expressão. O livro ficaria no espaço do CAPS depois da finalização dos encontros, possibilitando que novas usuárias pudessem dar continuidade ao projeto, mesmo com o término da oficina.

Cabe destacar que os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) integram a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), uma rede articulada de serviços instituída no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), configurando-se como dispositivos estratégicos para a promoção da saúde mental e para a oferta de cuidado a sujeitos em situação de sofrimento psíquico intenso e/ou persistente. No interior dessa rede, os CAPS AD (Centros de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas) constituem serviços especializados de caráter territorial e extra-hospitalar, voltados à atenção integral de pessoas em situação de uso nocivo ou dependência de álcool e outras drogas, atuando na perspectiva da desinstitucionalização e da reabilitação psicossocial. (BRASIL, 2004).

Neste contexto, Santos (2019) acrescenta que o sofrimento psíquico é construído socialmente sob aspectos atravessados pelos determinantes do contexto sócio-histórico no qual o sujeito está inserido, o qual se apresenta sempre de forma singular. Por entender o sofrimento não apenas em sua dimensão individual, mas também coletiva e relacional, os CAPS propõem atividades de cuidados coletivos e psicossociais, que podem ser facilitadas por atividades em grupos.

Os CAPS tem a proposta de olhar para os sujeitos não só em sua dimensão individual, especialmente a dimensão social e relacional, por conta disso a utilização de oficinas com materialidades artísticas vem de encontro com a proposta do serviço que é oferecer serviços de saúde mental abertos e comunitários, objetivando a reabilitação psicossocial de pessoas com sofrimento psíquico e transtornos mentais, incluindo os usuários de álcool e outras drogas, procurando manter a proximidade de seu núcleo familiar, afetivo e da comunidade. Interpelar essa temática requer a exploração de múltiplos aspectos também relacionados às experiências de vida coletiva e territorial e, nesta direção, aponta para a importância de situar a discussão também na perspectiva da desigualdade das relações de gênero (SANTOS, 2019).

O CAPS onde esta pesquisa foi realizada conta com diversas atividades, contudo a população que participa é, em sua maioria, masculina, o que motivou a construção do livro com as mulheres participantes do serviço. As participantes das atividades da oficina relatada nesta escrita já compunham o grupo, que tinha constituição prévia no serviço. Este grupo era composto exclusivamente por mulheres, com enfoque no apoio emocional mútuo e na realização de atividades manuais e artísticas. Considerando que os modos de subjetivação e de sofrimento dizem também de relações de gênero, em uma sociedade sexista, é de fundamental importância a existência de espaços de fala seguros nos quais sujeitos - nesse caso mulheres -

possam compartilhar especificidades de seus sofrimentos para além do abuso de substâncias, e que possam encontrar uma escuta e acolhimento qualificados.

A existência de um grupo específico para mulheres permite ainda um olhar mais cuidadoso para esse conjunto social, aqui compreendido como minoria política e não como corpo biológico, visto que “a mulher” ocupa historicamente uma posição de minoria, não em termos quantitativos, mas de poder e representação. Assim, consideramos que as usuárias em questão poderiam se beneficiar de um espaço de escuta singular que permitisse acolher a dupla vulnerabilidade enfrentada pela intersecção entre o uso de substâncias e o identificar-se enquanto mulher, para além de estereótipos determinantes, o qual foi possível através da oficina proposta (ZANELLO, 2018).

No desenvolvimento desta proposta, as mulheres foram convidadas a participar dos encontros e da construção do livro. A intenção foi de, em quatro encontros, com duas horas de duração, produzir um material coletivo em que cada usuária retratasse um pouco sua história e sua chegada no grupo. Para isso, nos ferramentamos com a noção de oficina, entendendo que teoria e a prática são partes do fazer, visto que conhecer e agir sobre a realidade se entrelaçam permanentemente (PASSOS, 2012). Desta forma é possível que existam operadores, sejam eles conceituais ou tecnológicos, como por exemplo, uma oficina. Assim, a cartografia sustentou a prática, priorizando o acompanhamento dos processos, a escuta atenta e a valorização do inesperado, em oposição a métodos rígidos e lineares.

Neste sentido, é importante que se pense a especificidade das oficinas como uma forma de tecnologia relacional. Pode-se dizer, então, que toda pesquisa é de alguma forma uma intervenção, direta ou indiretamente (PASSOS, 2012). Portanto, oficinar é proporcionar a experiência de experimentação, criação e troca que essa tecnologia provoca, articulando-a com a ideia de que a aprendizagem direcionada nos processos de grupos coloca em ênfase a possibilidade de uma nova forma de lidar com o conhecimento sobre um saber (artístico, artesanal, político, intelectual, emocional), de aproximação e problematizações acerca de si e dos outros (BASTOS, 2010). Aprender, neste sentido, trata-se de um processo incessante, onde a interação e a comunicação são inseparáveis, conforme o que aprendemos a partir da relação com o outro (BASTOS, 2010). Nossa estudo, portanto, evidencia o potencial das práticas artísticas e cartográficas no campo da saúde mental, tanto como recurso de cuidado quanto como forma de resistência e produção de subjetividade.

NOTAS SOBRE A CARTOGRAFIA

Como percurso de pesquisa e intervenção, caminhamos juntamente da Cartografia. Ao se trabalhar com a cartografia, há uma reversão do método tradicional de pesquisa, a cartografia apresenta-se não como um caminho pré-determinado para alcançar um ponto, mas um caminhar que traça suas próprias metas no percurso. O rigor vem da experiência vivida e não de regras estáticas. O cartógrafo, o qual não consideramos um pesquisador neutro, mas sim implicado com o campo, se guia por pistas que ajudam a sustentar a pesquisa, mas se ajustam aos processos (PASSOS; KASTRUP; TEDESCO, 2014).

Ao cartografar, faz-se necessária a ativação de uma atenção à espreita, flutuante, aberta e concentrada. Esta é uma forma a se destacar na composição do cartógrafo, aqui a atenção não configura-se unicamente como a seleção de informações, mas como a detecção de forças circundantes, de pontas do processo em curso, de acolher fragmentos. Avivar este tipo de atenção, quer dizer deixar inativa uma atenção seletiva que habitualmente predomina nosso funcionamento cognitivo em favor de um deixar-se afetar por sinais e indícios. Diferentemente da atenção flutuante proposta por Freud, que implica uma escuta do inconsciente em sua dimensão recalcada, sustentada no modelo da associação livre e da interpretação clínica, a atenção cartográfica desloca-se para o acompanhamento dos processos em curso, privilegiando a emergência do novo, daí que ainda não está simbolizado ou estabilizado. Trata-se, portanto, de uma atenção que não visa decifrar significados ocultos, mas acompanhar a produção de sentidos em sua processualidade, aberta ao inesperado e ao que se atualiza no campo de forças do presente (PASSOS; KASTRUP; TEDESCO, 2014).

A PROPOSTA DO LIVRO

Deleuze (1992) discute que a criação é um processo intercessor, que pode suceder a partir de pessoas, filósofos, cientistas, artistas e também pode ser desencadeado por objetos, tais como plantas, recortes de revista, conversas. Os intercessores são necessários para propiciar a expressão, isto é, eles são necessários para se expressar, para se manifestar e, do mesmo modo, esses intercessores não conseguiriam se expressar sem ele (DELEUZE, 1992).

Os intercessores, de alguma forma, colocam as diferenças em contato e as fazem conversar em suas diversidades, podendo assim de alguma forma gerar um movimento de ambas as partes. Logo, o intercessor dos nossos encontros foi a proposta da criação de um livro, que poderia ser construído com materiais de fácil acesso e com tema a ser escolhido pelas mulheres participantes dos encontros. Assim,

foram construídas frases com colagens de recortes retirados de revistas e jornais, bem como papéis específicos para a criação da capa, do título e do conteúdo do livro.

Além disso, Deleuze (1999) destaca que a obra de arte não se reduz a um instrumento de comunicação ou transmissão de informações, mas se apresenta como ato de criação, que em sua essência, resiste. Ao instaurar blocos de movimento, cor, som ou duração, a arte engendra novas possibilidades de percepção e pensamento, abrindo fissuras nas formas de controle e nas rationalidades hegemônicas. A arte, nesta perspectiva, é capaz de produzir novos modos de subjetivações, além de atuar como importante modo de cuidado. Estas considerações revelam a experiência estética como potência de subjetivação e resistência, na medida em que permite ao sujeito não apenas se expressar, mas também se reinventar frente às condições históricas e sociais que o atravessa.

Encontro I: palavras e história pessoal

Neste momento, retomamos cada encontro discorrendo a respeito dos acontecimentos provenientes dos encontros com as mulheres participantes do serviço.

O convite às usuárias foi realizado através de uma profissional do local, que já acompanhava o grupo. Três mulheres compareceram no horário agendado, formando o grupo inicial de trabalho. A proposta de construção coletiva do livro foi apresentada, ressaltando que não se tratava de um livro qualquer. Ele seria confeccionado dentro das possibilidades que tínhamos, utilizando materiais como papéis, tintas e tecidos. A proposta foi irmos além de um livro que tem uma organização prévia com sumário, introdução, etc. O conteúdo também poderia ser escolhido por todas as participantes, possibilitando falar sobre a história de alguém que admira, contar uma história pessoal, desenhar, dentre outras possibilidades.

O livro ganhou o título de “Mulheres reais e suas histórias”. Neste primeiro encontro então, foi criada a capa, com a indagação a elas de como elas gostariam e se sentiriam representadas para sua construção, e iniciada a procura por palavras em revistas e jornais que pudessem ser utilizadas para criar frases relacionadas ao conteúdo escolhido. A escolha de materiais e palavras para a composição, materializa o primeiro encontro como o processo de colocar suas palavras e vivências no mundo. O trabalho já foi se instaurando quando as integrantes conversavam sobre as diferentes possibilidades para confeccionar a capa. Uma recortava, outra escrevia, outra pensava em como seria colocado, o processo começava.

Bondía (2002) fala sobre as palavras serem mecanismos potentes de subjetivação, através das quais pode-se criar realidades e sentidos. Não só o que fazemos com as palavras, mas o que elas também podem fazer conosco. Através delas é que são determinados nossos pensamentos, pois pensamos com palavras. Pensamos através

das palavras e pensar não é somente criar argumentos, calcular e raciocinar, como nos tem sido ensinado, mas poder dar sentido ao que nos acontece. É por meio das palavras que nos colocamos de frente ao mundo, aos outros e a nós mesmos (BONDÍA, 2002).



Figura 1. Imagem criada para a capa do livro “Mulheres reais e suas histórias” (2023).

Encontro II: diferentes lutas

No segundo encontro o livro foi trabalhado apenas por Marta, uma mulher transgênero, que trouxe seu olhar acerca das diferentes batalhas de cada mulher. Foi falado por Marta que, mesmo que todas as mulheres pisem no mesmo chão – devido ao fato de todas serem mulheres – as batalhas a serem travadas por cada uma se diferem nos detalhes, nas histórias de vida antes de chegarem até hoje, além da questão social pré-estabelecida do que é ser mulher. Por exemplo, a trajetória

de uma mulher transgênero é muito diferente da de uma mulher cisgênero, bem como a diferença entre mulheres brancas e pretas.

Neste sentido, Nascimento (2021) afirma ser urgente que todas as mulheres compreendam a pluralidade existente na questão de gênero, que as diferentes experiências exigem demandas políticas também diversas, ressaltando que não existe um sujeito universal do feminismo, mas uma multiplicidade de existências que se articulam em torno de opressões comuns. Entende-se que manter a pluralidade de vivência entre mulheres quer dizer que, apesar de diferentes, estão interligadas pelas estruturas de opressão que se assemelham, o que é reflexo das estruturas como o patriarcado, o machismo e o sexismo - que historicamente estão atrelado às vivências femininas, configurando desafios coletivos que exigem formas múltiplas de resistência e de ação política.

Além disso, é importante considerarmos o contexto do serviço em que os encontros aconteceram, pois o uso de substâncias também foi abordado no decorrer da criação coletiva do livro. Porém, este tema foi abordado considerando a subjetividade das relações de cada uma das mulheres com o uso de álcool e outras drogas. Neste sentido, a participante Marta relatou que fazia uso de substâncias como forma de libertar-se da angústia de manter determinado padrão no trabalho e na sociedade. Muitas vezes, no decorrer do uso contínuo de álcool, crack e outras drogas ocorrem perdas que afetam a vida do sujeito de diferentes modos, desde perdas materiais, no sentido de seus investimentos de vida – que muitas vezes circulam sobre o uso, tanto quanto afetivo e social, de modo que muitas vezes atividades no qual eram potenciais formas de manter seu cotidiano e manter suas relações afetivas.

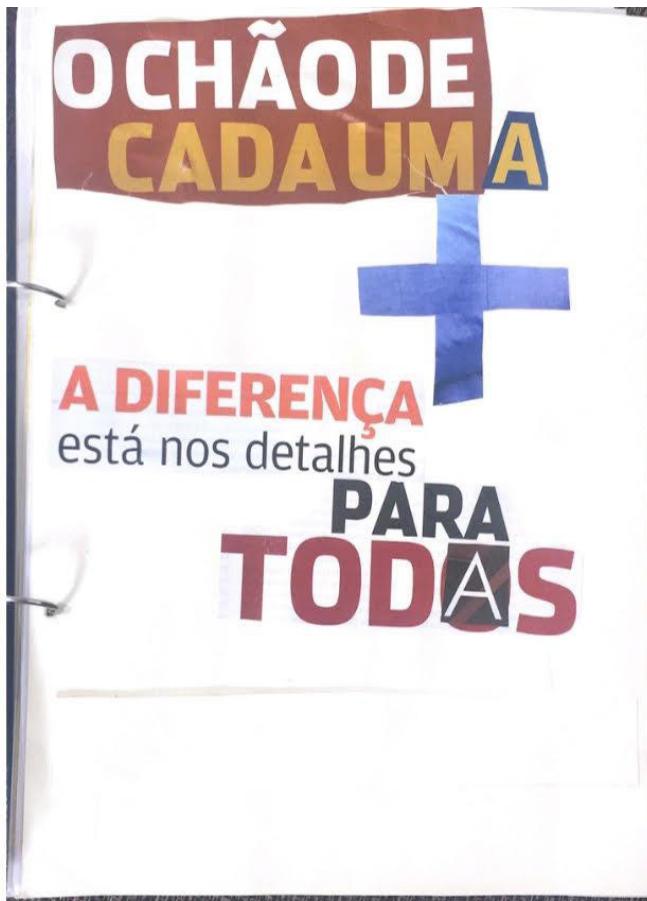


Figura 2. Imagem criada para o livro “Mulheres reais e suas histórias” (2023).

Encontro III: Histórias de família

Em nosso terceiro encontro, o grupo já estava alinhado com a ideia de que as questões a serem trabalhadas seriam as próprias histórias, tanto de como haviam chegado até o CAPS, quanto o que pudesse surgir destes encontros e do dispositivo de criar um livro acerca de suas experiências, mas também no encontro com as de outras mulheres.

Neste dia, as conversas e escolhas para a continuidade do projeto aconteceram em trocas acerca de questões familiares, no que concerne às diferenças e semelhanças

entre o funcionamento de diferentes famílias. Temos como exemplo falas sobre suas relações com os irmãos e hierarquia e obediência em relação às pessoas mais velhas da família: “Obedeçam os irmãos mais velhos.”, “Não volte para casa sem seu irmão”. “Irmãos não podem brigar.” As experiências vivenciadas por elas durante a infância nos levam a refletir que família tem sua cultura própria, cultura essa que é atravessada por questões de gênero como o lugar das mulheres e dos homens no meio familiar e de todos os tipos de família. Há um discurso institucional que paira sobre o que se comprehende por família, este discurso aponta a responsabilização sobre a dissolução da família tradicional com o quadro de degradação social em que vivemos. Quem emite esse discurso podem ser pedagogos, juristas, religiosos e também alguns psicólogos. A imprensa através da validação de profissionais especialistas distribui sob a ótica de culpabilização, discorrendo que a dissolução das famílias como conhecíamos na primeira parte do século XX e a violência, a desorientação dos jovens, e a “delinquência” juvenil.(KEHL,2024) Estes discursos que centralizam a família como principal operador de ordem e também moralidade , reforçam as desigualdades de gênero que podem circular dentro de qualquer família e interferindo nas relações e possibilidades de cada integrante da família.

Kehl (2024) discorre que o discurso que defende a forma tradicional de constituição das famílias acredita que esta, é o ponto principal de transmissão de poder, e que deve sozinha com toda constituição de moralidade e da ordem nacional. Tal qual a crise social, a degradação de espaços públicos que nos últimos tempos vem acontecendo de forma sistemática no país, e que atinge principalmente as camadas mais desfavorecidas economicamente.

Ao pensar a família e as relações que dela surgem e que a ela compõem, somos convocados a uma articulação com o conceito de subjetividade. A noção com a qual trabalhamos não diz sobre possuir, mas sim sobre a produção ininterrupta que ocorre a partir dos encontros com o outro. Este outro pode ser compreendido como o social, suas invenções, acontecimentos, a natureza e tudo aquilo que cria efeitos nos corpos e nas formas de viver (GUATTARI, ROLNIK,1992). Diante desta perspectiva de subjetividade, foi possível contemplar através de nossos encontros em grupo, que essa noção de família é formada e passada pelas vivências e acontecimentos que estas mulheres, pessoas, tiveram desde jovens, mas que vai sendo transformada no decorrer do tempo e dos acontecimentos e encontros tidos no passar da vida.

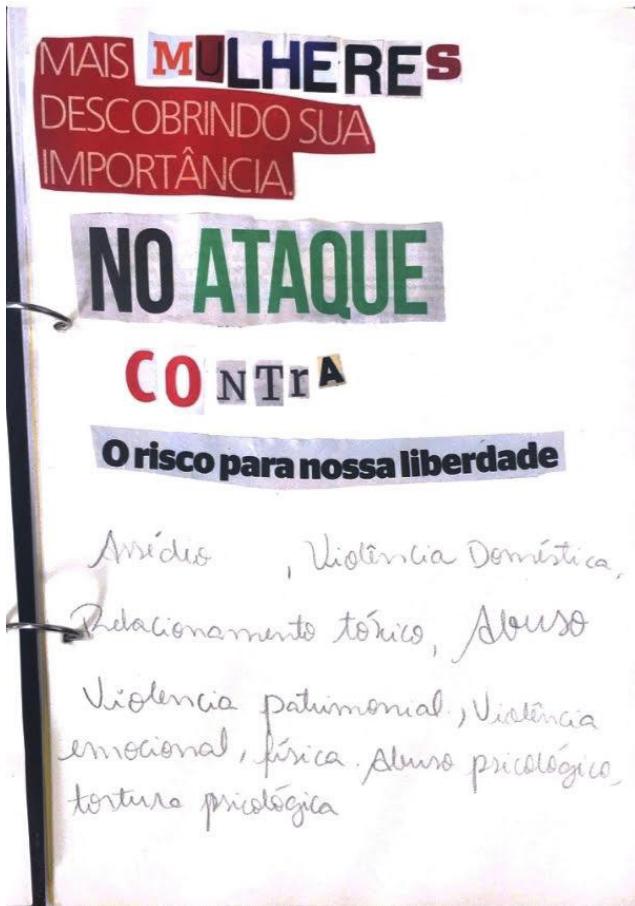


Figura 3. Imagem criada para o livro “Mulheres reais e suas histórias” (2023)

Encontro IV: um não final

No último encontro a proposta era encerrarmos o livro, porém outro rumo foi tomado. Neste havia sido levado um bolo para confraternizar a finalização da construção do livro coletivo, no entanto, acabamos nos debruçando em encontrar palavras para uma nova proposta: a construção de uma carta - que chamamos de Carta Convite - destinada a outras mulheres que chegassem ao grupo, indicando que independente do trabalho anterior, elas poderiam também deixar sua história ali registrada.

As palavras não encontradas foram construídas letra por letra, entre as conversas que ocorreram durante a finalização do livro, grupo, trabalho. A foto da mãe de Joana e Roberta foi anexada ao livro com as frases lembradas, escritas ao redor da imagem dela. Frases estas que até hoje, de alguma forma, compõem a vivência de ambas e seu entendimento a respeito da família e suas relações.

A relação de pertencimento ao grupo criado para a realização deste trabalho e a vontade de que ele continuasse funcionando foi motor para que pudessem seguir se encontrando e criando juntas a cada dia. Uma das principais motivações para a criação dos grupos de mulheres é que eles possam atuar como apoio em diversos sentidos, desde informações sobre saúde, direitos, prevenção e promoção da saúde a partir do compartilhamento de experiências de vida e da invenção de um espaço coletivo. A combinação entre elas foi que o livro ficaria no CAPS para que possa cumprir seu papel de testemunhar as palavras contadas por todas, uma marca das mulheres que começaram o livro, um espaço potente de encontros para poder vivenciar suas trajetórias encontrando apoio.

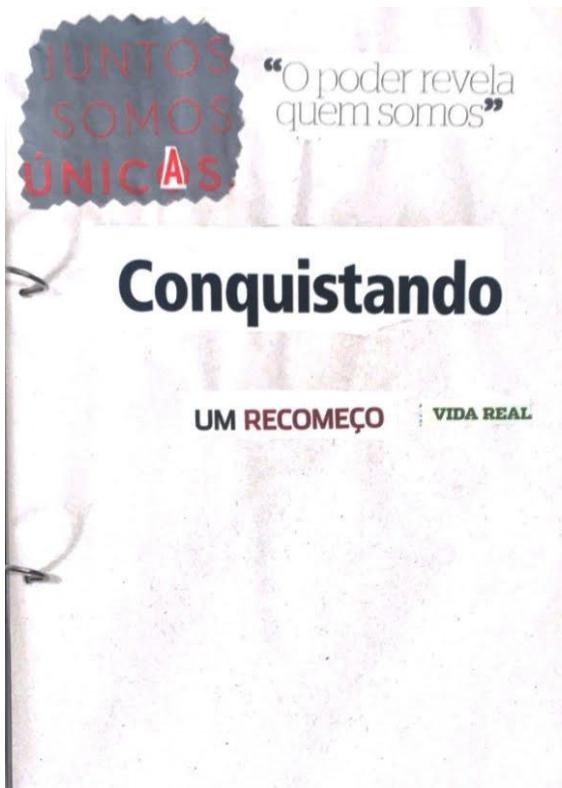


Figura 4. Imagem criada para o livro “Mulheres reais e suas histórias” (2023)

CONTORNOS FINAIS

Através da experiência em grupo, é possível romper com preconceitos que levam à alienação do sujeito (CONTE, 2023). Desta forma, em um grupo composto somente de mulheres, é possível potencializar a voz destas para que a voz de outras também possam surgir. O livro como intercessor de nossos encontros foi fundamental para que a construção conjunta entre as mulheres pudesse ocorrer de forma autônoma, criativa e sem preconceitos. Criar algo que venha da experiência de ser mulher, como este livro, é fundamental para que as diferentes perspectivas e vivências singulares sigam sendo escritas, olhadas, mobilizadas, possibilitando a produção de outras subjetividades. Além disso, o trabalho atravessado pela criação artística promove um encontro transversal entre a singularidade dessas histórias e a coletividade inerente do ser mulher. O livro, portanto, foi uma ferramenta fundamental que permitiu marcar essas histórias e colocá-las no mundo para serem reconhecidas.

Neste sentido, explicitamos que acompanhar o grupo enquanto um processo que possibilitou a produção de espaços de cuidado coletivo através da arte como ferramenta, possibilitou também que se desenrolassem reflexões sobre a importância desses elementos nas práticas de reafirmação das existências. A cartografia que se fez aqui, buscou justamente movimentar reflexões acerca da produção de saúde mental em sua potência ética, estética e política – indissociável, portanto, dos movimentos infíndos de criação e de vida.

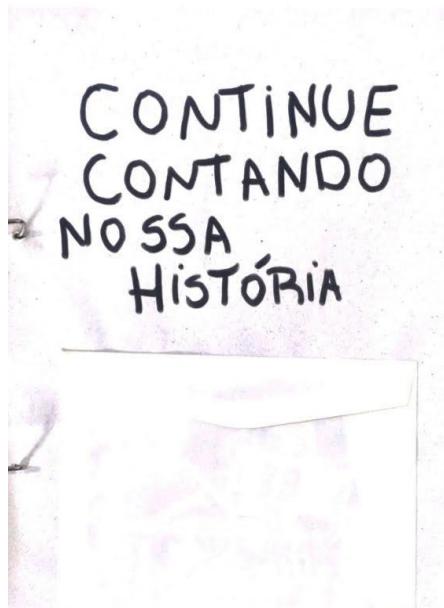


Figura 5. Imagem criada para o livro “Mulheres reais e suas histórias” (2023).

REFERÊNCIAS

BORGES, Silier Andrade Cardoso. Territórios existenciais ético-estéticos em saúde coletiva. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 27, n. 2, 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/fractal/a/6zQPv73KzZLGhhNstMz5Cp/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 5.nov.2023

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Saúde mental no SUS: os centros de atenção psicossocial**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de ética profissional do psicólogo**. Brasília, 2009.

CONTE, Raquel Furtado et al. Implicações do grupo operativo em mulheres que vivenciam a violência de gênero. **Revista da SPAGESP**, v. 24, n. 1, p. 47-60, 2023.

DELEUZE, Gilles. **Conversões**, 1972-1990. São Paulo: Editora 34; 1992.

DELEUZE, Gilles. **O ato de criação**. Folha de São Paulo, Caderno Mais!, 27 jun. 1999.

KEHL, Maria Rita. Em defesa da família tentacular. **A Terra é Redonda**, 15 dez. 2024. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/em-defesa-da-familia-tentacular/>. Acesso em: 16 de outubro de 2025.

MORO, Larissa Moraes; GUAZINA, Félix Miguel Nascimento. Arte e experiência: relações da arte no contexto da saúde mental. **Brazilian Journal of Mental Health**, 2016.

ROLNIK, Suely; GUATTARI, Félix. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Buenos Aires: Tinta Limón, 2006.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia. **Pistas do método da cartografia**: Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum. Editora Sulina, 2014.

SANTOS, Anna Maria Corbi Caldas dos. Articular saúde mental e relações de gênero: dar voz aos sujeitos silenciados. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 14, p. 1177-1182, 2009.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos**: cultura e processos de subjetivação. Curitiba: Appris Editora, 2018.